

C-Bond dispara e já vale 90% do valor de face

Demandas pelo principal título da dívida brasileira são grandes no exterior. Dólar cai mais 1,02% e fecha a R\$ 2,912

Patrícia Eloy e Fábio Nascimento

• Num dia de derrocada das bolsas internacionais, o principal título da dívida externa brasileira, o C-Bond, fez bonito no exterior e registrou novo recorde de cotação: 90,08% do valor de face (US\$ 0,90 por dólar emitido), uma alta de 0,45%. O resultado não lembra nem de longe o ocaso do ano passado. No auge da crise política — em 15 de outubro, dias após a vitória de Lula no primeiro turno das eleições — ele chegou a valer 48,68% do valor de face. De lá para cá, a valorização atingiu 85,03%. Segundo os analistas, apesar da forte alta, ainda há espaço para valorização.

Ainda é forte a demanda para títulos brasileiros. Os papéis pagam taxas elevadas, que ainda não refletem a melhora significativa da economia. Por ora, não existe melhor alternativa de remuneração entre os emergentes — diz Walter Molano, chefe do Departamento de Pesquisas e sócio do BCP Securities, banco de investimentos americano especializado em América Latina.

Aversão à bolsa impulsiona valorização do C-Bond

Octávio Vaz, sócio da Ques-tus Asset Management, lembra que a aversão aos investimentos em renda variável — depois dos escândalos contábeis e diante dos fracos números da economia americana — tem atraído cada vez mais investidores para os papéis brasileiros. E ontem não foi exceção: enquanto as bolsas caíam até 1% nos EUA, o C-Bond batia recorde.

De acordo com Sandra Utsumi, economista-chefe do BES, os baixos índices de consumo e de confiança na recuperação da economia americana impedem o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) de elevar a taxa básica do país, hoje em 1,25% ao ano. Com isso, os investidores que normalmente aplicavam nos títulos americanos

buscam papéis com maior rentabilidade — e acabam comprando papéis brasileiros. O mesmo ocorre nos outros seis países do G-7 (grupo de sete países mais ricos do mundo), que têm os Estados Unidos como locomotiva.

O volume de C-Bond negociado é de US\$ 6,5 bilhões, relativamente pequeno diante dos trilhões de dólares nas mãos de investidores estrangeiros. Então, até movimentos pequenos, para eles, representam muito na cotação do título brasileiro — pondera Sandra.

Risco caiu 69% desde o auge da crise política em 2002

O risco-Brasil e o dólar acompanharam a melhora do título brasileiro. O indicador da desconfiança dos investidores estrangeiros na capacidade do país honrar seus pagamentos recuou 1,57%, para 751 pontos centesimais, mesmo nível registrado há pouco mais de um ano. Desde o seu patamar mais alto (2.443 pontos, em 27 de setembro de 2002), o risco já despencou 69,26%.

O dólar cravou o terceiro dia consecutivo de queda: perdeu 1,02% em relação à véspera, fechando aos R\$ 2,912 para venda. O mercado cambial foi influenciado pela expectativa de novas emissões externas por bancos e empresas brasileiras. Na mínima do dia, a moeda chegou a valer R\$ 2,904. E o dólar pode cair mais: o Banco Central (BC) anunciou que vai dar continuidade hoje à rolagem (renovação) de US\$ 1,8 bilhão de dívida cambial que vence no próximo dia 15. Até agora, metade já foi renovada.

A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) recuou 0,27% ontem, acompanhando as perdas das bolsas americanas. O Dow Jones fechou em queda de 0,81% e a bolsa eletrônica Nasdaq caiu 1,13%. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Acompanhe as cotações do mercado em tempo real
www.oglobo.com.br/economia

Editoria de Arte

